

Assignaturas

Um anno 1000 réis
Seis mezes 500 "

Pagamento pelo correio,
mais 100 réis

DIRECTORES

ANNIBAL SOARES e ALBERTO COSTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Norte, 33, 1.º — LISBOA

O Vira

SEMANARIO HUMORISTICO

Quinta-feira — 29 de Março

Preço avulso — 20 réis

ADMINISTRADOR

Nuno Guedes Infante

EDITOR — Manoel d'Oliveira Têque

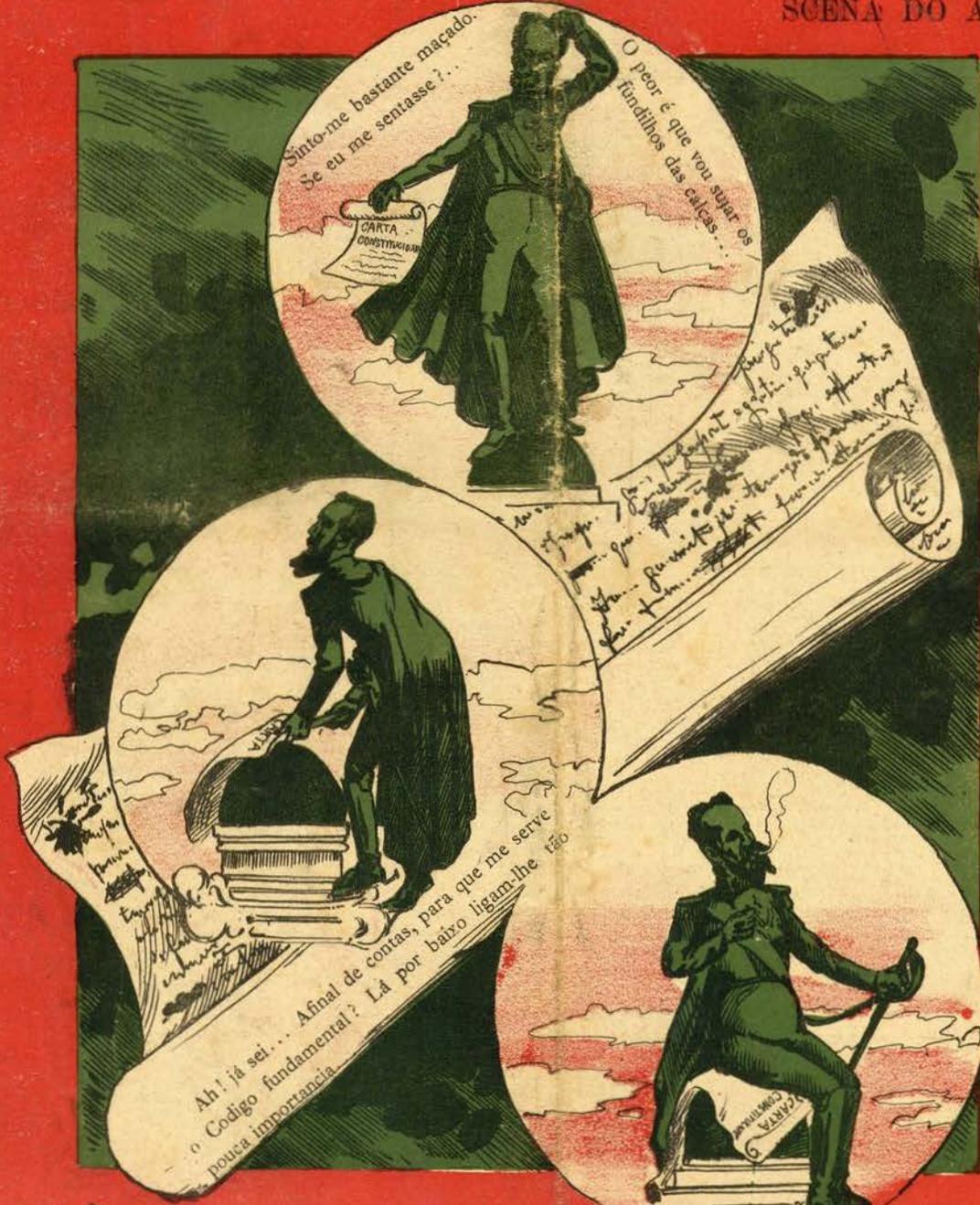
CARICATURISTA

ALFREDO CANDIDO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Lyth. Universal — Largo do Carmo, 17

SCENA DO AR



Ora exactamente! Agora sim, estou aqui como um príncipe!...



CHRONICA

Summario:—O *descalabro* das velhas instituições sociaes.—Da *agonia comica* da Justiça.—De *como as portas de Themis se fecham*, por causa da *carestia das custas*.—*D'onde se prova que mais perigoso é cair n'um tribunal, do que n'um covil de lobos*.—Uma *iniciativa da Associação dos Advogados*.—*Revindica-se o assumpto para esta pagina de chronica*.—*Alguns casos pittorescos e edificantes*.—A *sombra d'um defensor officioso*.—*Dos ditos d'espírito, calembourgs e clemencia dos magistrados*.—*Apresenta o A. um alvitre, para fechar*.

N'este seu vertiginoso caminhar para a morte, quasi todas as velhas instituições sociaes parecem querer cair, na verdade, dignamente, pomposamente, deixando atraz de si um laivo de tragedia, ou arrastando na queda, como Porthos, uma montanha de preconceitos, de interesses, de convenções, ferindo fundo caros sentimentos e prejuizos ancestraes dos homens, enchendo de terror e d'espanto estas gerações de transição, que já vêem com os olhos do espirito a senda nova, mas que ainda se atemorizam e todas tremem ante a secular magestade do que ha de destruir-se e a magnitude sobre-humana do que é preciso edificar.

No meio d'isto, porém, não sei se repararam como se sóme pifia e picarecamente uma instituição que já foi, e ainda é para a maior parte, pedra basilar no edificio das sociedades, e que estas por isso mesmo buscaram sempre cercar dos cuidados e respeitos especiaes, devidos á guarda da vida, da propriedade, da tranquillidade dos cidadãos, e da boa ordem e harmonia do mecanismo social.

Refiro-me á Justiça.

Com a sua origem religiosa, com as suas raizes divinas, com o seu ritual quasi hieratico, com a fidelidade da sua balança, o rigor da sua espada, a severa austeridade das suas becas e das suas togas, a justiça morre em Portugal e os tribunaes encontram-se hoje pouco menos que desertos, entre outras razões... *pela carestia das custas!*...

Quasi ninguém vae ao fóro, de medo de ser devorado pela alcateia dos juizes, dos delegados, dos advogados, dos escrivães, dos procuradores, dos meirinhos e de toda a bicharada miuda que costuma infestar os palacios da justiça.

Mas isto é já banal, e eu não deteria sobre tão pouco os meus leitores, se uma série de factos recentes não viesse revelar-nos um outro aspecto, afinal de contas menos tragico do que comico, da agonía crescente da função judiciaria.

Trata-se da syndicancia, que a Associação dos Advogados vae promover, aos actos d'um juiz da Boa-Hora. Nas reuniões da Associação teem sido feitas, ao que parece, communicações tão interessantes sobre o caso, que elle merece bem passar do livro d'actas d'aquella douta corporação para estas columnas d'annotação risonha aos acontecimentos graciosos da semana.

Imaginae que no templo augusto de Themis comparece, *verbi gratia*, um sujeito accusado de ter roubado uns calções. Immediatamente os magistrados tomam assento, o escrivão empunha a penna, um official declara aberta a sessão, dois policiaes juram e rejuram que effectivamente aquelle larapio roubou o par de calções.

Como quer que o pobre diabo não tenha pago advogado para a defeza, ninguém vae defendê-lo; e o interprete da lei condemna-o desde logo em dez dias de prisão, mandando mencionar na acta que nomeára advogado officioso, e esse chimerico e invisivel advogado se erguêra e dissêra em lenta voz: *A costumada justiça*.

Pelo que elle juiz arbitrou ao phantasma de defensor mil e oitocentos réis de honorarios, que passam effectiva e positivamente, da unha do criminoso, para a bolsa sempre voraz do escrivão; e finalmente, para que se comprove a efficacia das eloquentes palavras d'aquella sombra d'advogado, o julgador assim encerra a audiência, sorridentemente:

— Ora leva vocemecê estes dez dias, porque não pôde dar-se-lhe mais; mas não desespere ainda, que para a outra vez se lhe carregarão melhor os machinhos...

Outra vez, o areopago reúne, porque um triste meliante se suppõe ter furtado um casaco rôto ao seu visinho.

O mesmo ritual, as mesmas becas, o mesmo ceremonial, o mesmo sonho de defensor officioso.

O juiz inquire:

— Como se chama?

O apavorado pelintra, cá de baixo, em colicas:

— João Thaumaturgo, senhor...

E da sua cadeira o sacerdote, o mantenedor da Ordem e da Legalidade, o depositario do symbolo augusto da Justiça:

— Ah! *Fomatudo?* Pois então tome lá mais quatro dias de cadeia, com as custas!...

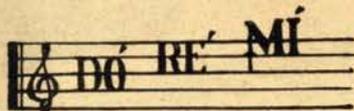
E a tal ponto chegou a confiança na boa-vontade do magistrado, que um advogado ha pouco, n'um misero processo de policia correccional—caso de multa insignificante—depois de provar á saciedade a innocencia do constituinte, fechou assim a discursata:

— Agora, sr. juiz, o que espero da benevolencia de V. Ex.^a... é que me envie para a Penitenciaria o accusa do!...

Não sei se enviou, ou não; mas, com franqueza, não será chegado o momento de pôr cá fóra das cellulas certos réos, e de os mandar substituir por alguns juizes no doloroso mistér de penitenciarios?...

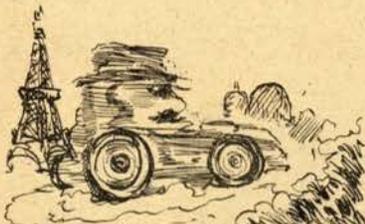
FERNÃO GOSMA.





Do Seculo :

«Antonio Bandeira é realmente um fino espirito de observador, uma intelligencia cultissima, um humorista scintillante, vendo bem os factos e a vida, que expressa n'uma linguagem fluente, corrente, portugueza de lei e observadora. Essas qualidades de talento lhe foram reconhecidas desde logo, e agora postas em foco n'uma bella e linda peça que, a pedido da embaixatriz da França n'aquella côrte, escreveu em francez.»



ESTÁ EM FRANÇA A FALAR EM PORTUGAL.

Tambem nos quer parecer que o portuguez de lei do sr. Antonio Bandeira só pôde ser verificado e reconhecido quando s. ex.^a escreva... em francez. Assim se chega ao paradoxo de nunca ninguem ter percebido que o sr. Antonio Bandeira escrevia linguagem portugueza, justamente por que s. ex.^a jamais se lembrára de deixar d'escrever... em portuguez!



O *Correio da Noite* exclama penalizado que o sr. José Luciano nem sequer cahiu no parlamento.

Tambem seria trambulhão de mais! Cahiu no Paço, d'uma cadeira Luiz XV, e parece-nos — a nós, que aliás não somos progressistas — que já cumpriu sufficientemente o seu dever...

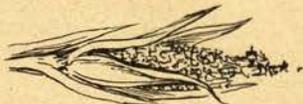


ESCRINIO DE JOIAS

Um desabafo recente do poeta Soares Junior :

«Maldita seja a vida. Oh! crua morte!
Por mais que eu a deseje nao me vem.
Malditos sejam todos! Eu tambem!
Maldita seja a minha pouca sorte!»

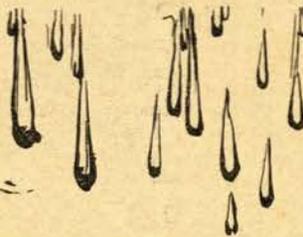
Ora aqui está um cavaiheiro que com certeza não é dos contemplados no *testamento da velha*... Peia sua desoiação logo se vê!



Esta agora é do sr. Carlos Ferreira, e vem na *Semana Illustrada* :

Penso nos dias ledos do Passado
Carpindo agora está minha alma triste
De lagrimas meu rosto anda banhado.

Francamente : com a carta de conselho e com o logarinho no Nyassa, não nos parece que o sr. Carlos Ferreira tenha grandes razões para carpir-se, nem para seu rosto em lagrimas banhar. Vamos lá com Deus, que outros terão maiores motivos de queixa...



PROVERBIOS POPULARES :

Porque é que o sr. conselheiro Carlos Ferreira, do *Correio da Noite*, apanhou o Nyassa, e o sr. Lourenço Cayola, do *Jornal da Manhã*, ficou a vêr navios?

Porque nem por muito se madrugam amanha ce mais cedo...



FREI JOSÉ.

ANIMATOGRAPHO POLITICO



1

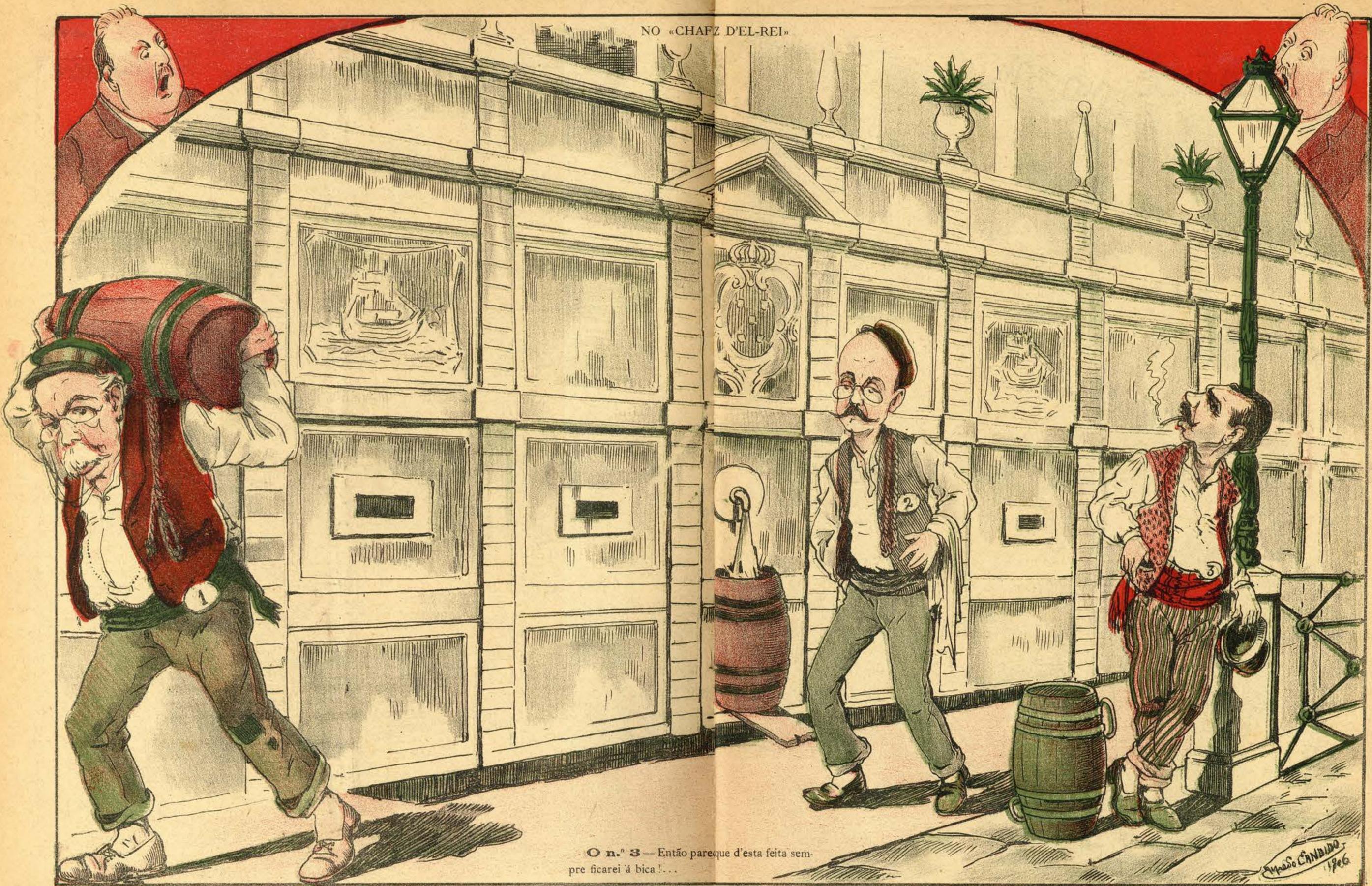


2



3

Antonio Carlos



O n.º 3 — Então pare que d'esta feita sempre ficarei á bica!...

Amado CÂNDIDO
1966

O GRRRANDE ESTADISTA



PRINCE...DE CHINELLOS D'OURÊLO
 O' FONTES...DE BAZAR TURCO
 AH! D VIGOROSO PARLAMENTAR!
 NÃO HA MELHOR LA' FÓRA
 ELLE ASSUME TODAS AS PRECIPUAS!
 ELLE ESTÁ SEMPRE NA BBECHA!

«TRECHOS SELECTOS»

«A LEMBRANÇA DA MINHA
 GRATIDÃO»

«D' HOMEM CRÊ OU NÃO CRÊ E CRÊ NO QUE CRÊ»

«A LIBERDADE ILLIMITADA CONDUZ A ANAR-
 CHIA QUE DESTRÓE A LIBERDADE»

M. S. C. AND.

MERCÊ

Foi agraciado com a carta de conselho o sr. Carlos Ferreira, director do *Correio da Noite*.

Sobre este caso recebemos do sr. conselheiro Petra Vianna uma carta que a seguir publicamos, agradecendo ao seu auctor a deferencia da escolha d'*O Vira* para desabafo da sua justa indignação:

Sr. redactor

E' profundamente lamentavel o espectáculo que hodiernamente se desenrola na sociedade portugueza. A mediocridade é exaltada e glorificada, ao passo que o verdadeiro merito passa despercebido, até escarnecido, aos olhos de todos.

Sob este ponto de vista, não quero, sr. redactor, fazer allusão á minha humilde pessoa, mas não posso sustener-me que não me refira ao caso d'um tal sr. Carlos Ferreira, director do *Correio da Noite*, o qual vejo publicamente honrado com a carta do concelho de Sua Magestade.

Quem é, sr. redactor, o sr. Carlos Ferreira? D'onde vem? Para onde vae? Onde está a sua obra? Quaes os seus meritos, quaes os seus titulos para merecer tão alta distincção?

Outr'ora, sr. redactor, havia no espirito dos governos um justificado escrupulo, quer se tratasse de castigar o vicio, quer de premiar condignamente a virtude. Sabe V. sabe o meu paiz que ha tempos — outros tempos, sr. redactor! — me foi concedida a carta de concelho, espontanea e gentilmente por parte d'um ministro, que não por meio da veniaga e da corrupção.

Esse diploma prezei, e tenho procurado honrar em todos os actos da minha vida publica. Mas, sr. redactor, não posso hoje manter-me silencioso e tacito perante o facto insolito que a publico me traz; e a minha pena treme de indignação, relendo em minha memoria a expressão fria, dura, dos jornaes da semana: «foi agraciado com a carta de concelho o sr. Carlos Ferreira, director do *Correio da Noite*,»



—O sr. Carlos Ferreira, sr. redactor, um homem que escreve concelhinho com c cedilhado, quando toda a gente sabe que o c n'este caso não tem cedilha!



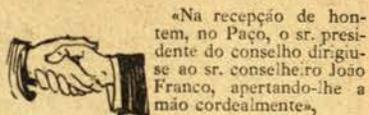
O que até aqui era de direito e de facto concelhinho Petra Vianna, assig.a-se hoje, singela, mas honradamente,

De V. etc.

Lisboa, s. c., 26-3-906.

JULIO PETRA VIANNA.

UM APERTO DE MÃO



«Na recepção de ontem, no Paço, o sr. presidente do conselho dirigiu-se ao sr. conselheiro João Franco, apertando-lhe a mão cordealmente»,

(Dos jornaes).

Não é a mim que me espanta
O inopinado apertão.
— Apertava-lhe a garganta,
Agora aperta-lhe a mão !...

DR. PINK.



Deixou de fazer parte da redacção e da empreza do *Vira* o nosso amigo Annibal Soares, que todavia continuará collaborando permanentemente connosco, nas secções de que já se encontrava encarregado. A sua mudança de situação representa pois meramente uma questão d'ordem interna, que nada interessa ao publico, o qual continuará recebendo os mesmos pratos, condimentados pela mão do mesmo cosinheiro.



Illustrissimos Senhores

Corre cá fóra que o grupo d'artistas exploradores do Theatro Normal systematicamente se esquiva, sempre que pôde, a trazer originaes portuguezes á luz do seu tablado. Se assim é, os proprios dramastrálgicos nacionaes de boa-vontade se encarregam de lhes dar pedra á mão, pateando, fiel e systematicamente tambem, toda a peça que ali surge e que não traga no frontispicio o amigavel — *póde passar* — do seu corrilho. O *Caminho Perdido*, do sr. Augusto de Castro, não fugiu a esta regra; e todavia não ha negar que esses 3 actos, com as inevitaveis imperfeições d'uma estreia, constituem ainda assim a revelação d'um homem que saberá fazer theatro e n'este ponto ha de galgar, segundo crêmos, muito além da mediocridade dos nossos Sardous d'escada-abaxo.

Virá o estreante a ser senhor de toda a complexa organização d'um dramaturgo, capaz de ajustar á melhor ideia a melhor fórma e de fazer uso da ficção theatral para fim mais proveitoso e nobre do que a regularisação do trabalho digestivo dos burguezes reunidos na plateia?

A sua peça de hoje inclina-nos a suppór que sim; mas, peio menos, aquelles que equiparam a obra do dramaturgo á do bicarbonato de soda, e do theatro não pedem mais que uma acção logicamente condizida atravez de peripecias bem tratadas, com segurança d'effeitos, naturalidade e brilho nos dialogos, verosimilhança e *à-propos* na entrada e sahida dos personagens, ahi tem sem duvida um homem que já lhes deu no sabbado meia duzia de scenas modelares e ha de dar-lhes n'um futuro não remoto, peças theatraes d'uma carpinteria de mestre.

A proposito do desempenho, como do drama em si, muito haveria a dizer, se não fóra a exiguidade do espaço de que se dispõe. A sr.^a Maria Pia foi forçada, não sabemos por que circunstancias, a fazer a protagonista da peça. O regulamento do theatro pune com uma multa consideravel o artista que se recusa a representar originaes portuguezes. Certamente por isto e porque em Portugal os proventos da arte não dão para caprichos, aquella actriz submetteu-se a fazer o papel que lhe distribuiram, e que está absolutamente fóra do seu genero, dos seus habitos e dos seus recursos.

Ferreira da Silva e Adelina Abranches, fizéram sobria e placidamente as partes respectivas, como o exigiam as boas regras e a indole dos seus papeis — no que são muito de louvar. Joaquim Costa e Carolina Falco muito bem. Fernando Maia desempenhou-se conforme poude do seu papel ingrato, e os restantes interpretes não offenderam a assembleia.

F. G.





A ESCULPTURA DO «VIRA»
«O DESTERRADO»

Alfredo CÂNDIDO - FEZ.

